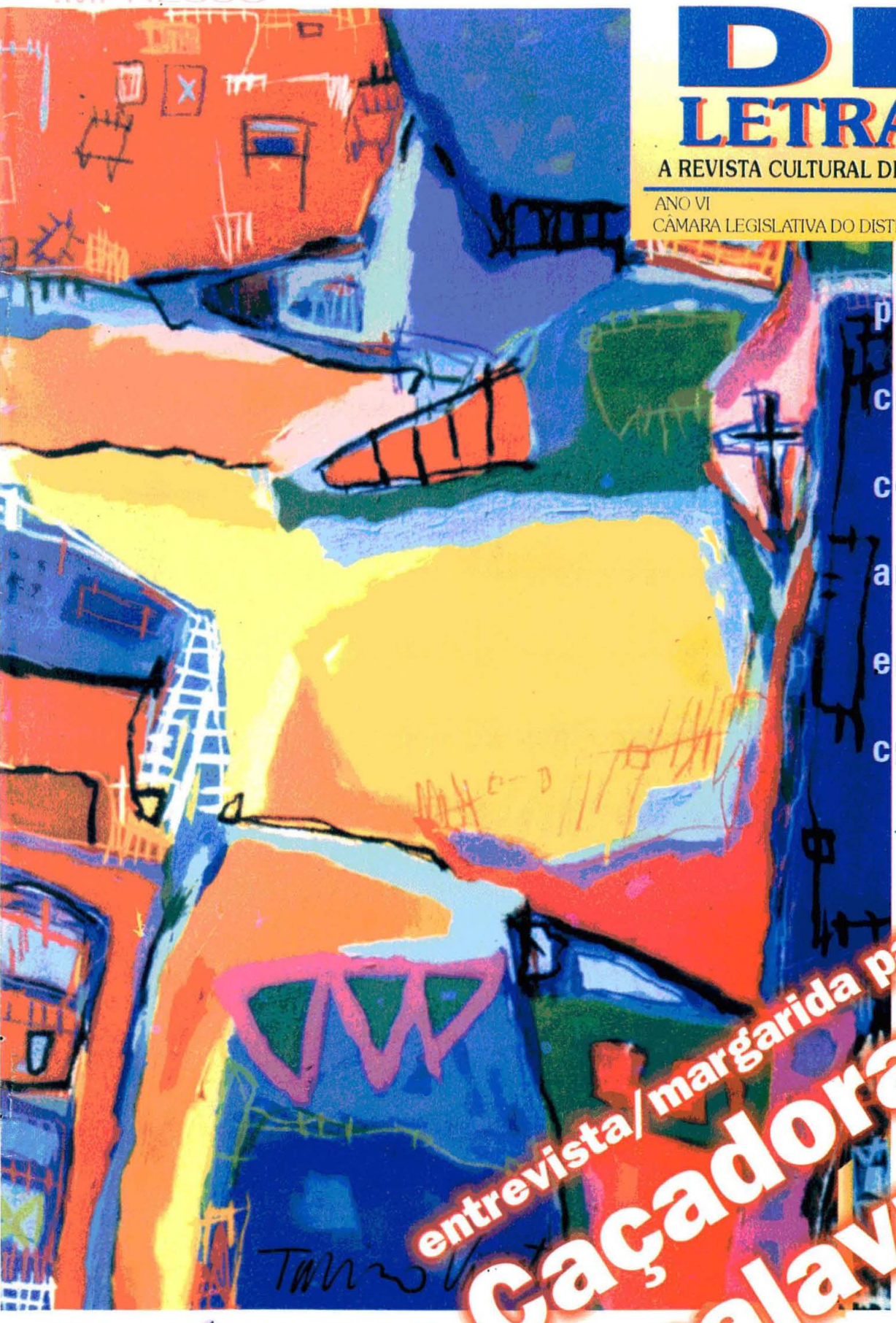
CONTRATO 281-0/97
ECT/ Câmara Legislativa/DF
UPAC/ Câmara Legislativa
IMPRESSO



DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VI Nº 75/81
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

poemas
crônicas
contos
artigos
ensaios
críticas

entrevista/ margarida patriota

Caçadora de palavras

BRASÍLIA DAS ARTES PLÁSTICAS

Quarto minguante

□ **AFFONSO HELIODORO**

Ontem, fiquei admirando o céu depois do colorido pôr-do-sol dessas tardes de Brasília, agora tão frias. Prolongava-se, para mim, aquela paz profunda que envolve a cidade no seu entardecer. As nuvens moviam-se e propiciavam um espetáculo mirífico de variada luz e cor.

De repente, o céu ficou escuro. As nuvens mal recebiam os restantes esforços de um sol já ido, mas que teimava em iluminá-las.

Agora, apenas um clarão difuso, e de certa forma lúgubre, acompanhava o findar daquela tarde, antes tão aprazível.

O sol já desaparecera há bom tempo. Recolhera-se aos misteriosos caminhos de sua longa viagem pelo espaço.

A tarde ficou triste. E eu também.

Lá longe, no fundo do céu, vejo a tristeza de uma lua minguada, fininha, apagada em meio àquele colossal abismo de blocos de nuvens quase negras. Ela queria, coitada, como toda amante abandonada, correr atrás de seu rei, que fugia horizonte abaixo.

O céu, de um roxeado estranho, tornou-se negro, impressionantemente escuro e misterioso!

Aquela luazinha raquítica, que também se despedia mais cedo da noite, trouxe-me a dolorosa sensação do fim das coisas. Do terminar de tudo, do acabamento.

A sombra da terra maldosa que encobrira parte da minha lua cheia, transformando-a naquela coisinha insignificante lá no fundo do céu, fazia-me tanto mal! Uma tristeza cinzenta começou a tomar conta de mim, da cidade, do mundo todo, imagino. Tentei chorar e as lágrimas negaram-se a rolar pelas minhas faces.

Seria por quê?

Talvez porque elas soubessem, melhor do que eu, que, depois da lua nova – mais triste ainda –, virá a lua crescente anunciando a chegada gloriosa de minha "lua cheia de esplendor e de encanto!"

A terra, ciumenta, só queria vingar-se da companheira dos amantes nas noites de luar. Queria empanar-lhe o brilho, mal sabendo que, quando ela voltar, solta no céu, cheia, vai encontrar seus amigos ansiosos por vê-la, tomados da saudade de seu encantamento e do acalanto de sua luz de prata nas noites de luar.

Quando ela voltar, haverá de novo festa no céu e na terra.

Meu amigo São Jorge

□ AFFONSO HELIODORO

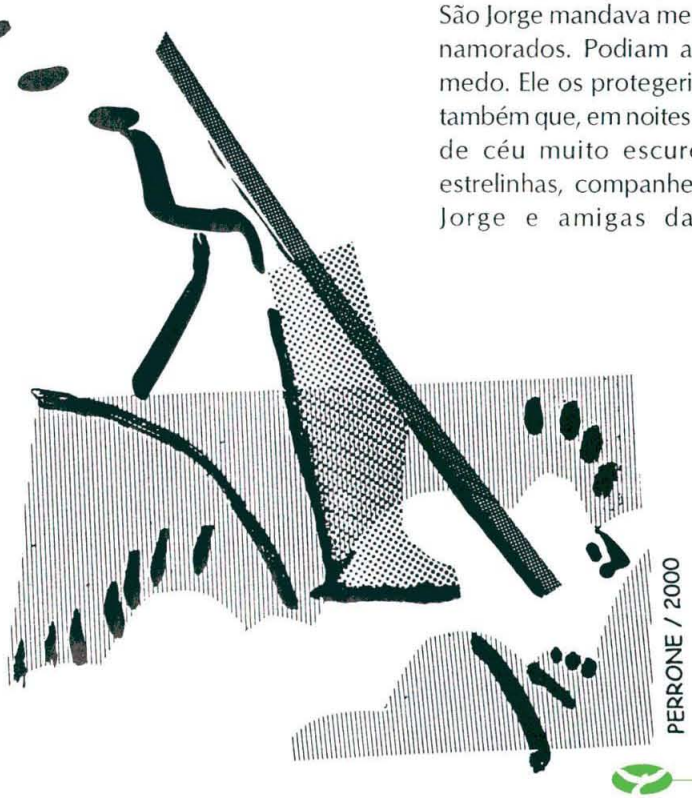
O pouso foi suave, macio. Parecia estar descendo em uma camada de nuvens brancas. Desembarquei de minha astronave e comecei a percorrer caminhos iluminados ou, às vezes, de sombras tênues, quase desfeitas.

São Jorge me aguardava montado em seu ginete branco, com a lança a penetrar no peito do terrível Dragão. São Jorge o quer matar para que ele não perturbe, em noites claras de luar, o romance dos namorados cá de baixo. Ele vela pela Terra de onde partira para vencer o ameaçador Dragão.

Dragão detesta namorados.

É preciso retê-lo lá bem longe.

Os amantes gostam de sossego para seus devaneios, suas carícias, suas falas de amor.



(Mal sabia eu que, mais tarde, me tornaria amigo e companheiro desse Dragão. Minhas histórias com ele estão no livro que publicarei em seguida, chamado: *O rabo do dragão* ou *A fada Sirinx*.)

De tanto falar em lua, de tanto olhar a lua lá no céu – ontem ela era cheia – sonhei-a esta noite, linda barca de cristal vogando no azul profundo e misterioso das noites de plenilúnio. As nuvens que emolduravam-lhe a face passavam apressadas, dando a impressão de que era ela que corria caminhos de sonho, naquela rota de imaginação que a fantasia do poeta canta em apaixonados sonetos de amor, em longos e dolentes cantos de nostalgia.

Dindinha, minha tetravó índia, da tribo dos puris de Diamantina, contava que, no tempo de lua cheia, São Jorge mandava mensagens aos namorados. Podiam amar-se sem medo. Ele os protegeria. Ela falava também que, em noites de lua nova, de céu muito escuro, eram as estrelinhas, companheiras de São Jorge e amigas da lua, que cuidavam dos amores cá da terra. Por isso, o poeta pode "ouvir estrelas" e com elas falar.

"Poesia é estado d'alma", diz o poeta. E a alma sente e sabe coisas que a gente, quase sempre, ignora.

Andava eu pela lua. São Jorge ia comigo montado em seu cavalo branco. O Dragão dormia sono profundo. O sono dos que levam terrível golpe de lança no peito e não morrem. (O Dragão não pode morrer, senão São Jorge fica sem ter o que fazer lá em cima.)

Cansado de acompanhar o trote largo do cavalo branco, peguei um raio de luar que passava na hora e nele montei, tornando minha marcha mais veloz que a do santo lunar. Disparamos lua afora até chegar em sua face escura. Que medo! Só trevas.

Onde o romântico luar, onde a inspiração dos poetas, onde estaria eu?

O bom santo quis me acalmar com explicações meteorológicas e teorias astrais. Nada me convenceu.

Apertei as esporas no meu raio de luar e ele deu um salto tão grande que acordei assustado.

Corri à janela para ver se a lua ainda estava no céu. E lá estava ela, como sempre: majestosa, romântica, encantada.

Era o mesmo disco de cristal e prata que vira antes de dormir.

Mandei-lhe um beijo e voltei para a cama, ao lado de meu amor que dormia tranqüilamente. Minha alegria despertou-lhe o sono e fomos os dois, à luz mágica daquele luar misterioso, namorar sob as flores olorosas do jasmineiro de nossa janela.